

# UMA RECENTE BIOGRAFIA DE

# Clarice Lispector.

## A PALAVRA QUE SE FAZ CARNE

**T**eresa Cristina Montero Ferreira empreendeu uma biografia de Clarice Lispector e, entre outras qualidades, os méritos desta presunção, em geral, trabalho de pesquisa considerável que recupera documentos inéditos, texto fluente e ligeira fortuna crítica da obra clariciana.

Uma comparação imediata, às vezes um pouco precipitada por uma específica crítica jornalística (1), pode fazer com que o

crítico recorra à obra de Nádya Battella Gotlib (2). Porém, esta, além de ter feito biografia, também fez crítica. De fato, o trabalho de Gotlib, sua tese de livre-docência, apresenta perspectivas e dimensões diversas: entrecruza criticamente vida e obra de Clarice Lispector, traduzindo um universo clariciano que se revela interior e mostra a inteireza de uma alma livre, despojada e aberta; contempla uma dimensão crítica grandiosa, pois empreende análises

1 M. Felinto, "Biografia se Debruça sobre o 'Mistério' Clarice: Obra de Teresa Cristina Ferreira Divide a Vida da Escritora em Capítulos de Acordo com os Lugares em que Ela Viveu", in *Folha de S. Paulo*, 5/março/1999, pp. 5-7. Ver também: C. Volpato, "Mistérios de Clarice: a Autora de *Perto do Coração Selvagem* e *O Lustre Ganha um Estudo Biográfico Detalhista e Revelador*", in *Época*, 42, 8/março/1999, pp. 90-1.

2 *Clarice: uma Vida que se Conta*, 2ª ed., São Paulo, Ática, 1995.

de praticamente quase todos os livros da ficcionista, tendo proporcionado aos estudiosos da obra desta autora brasileira um pioneiro material de referência, pesquisa e inspiração. Assim, Nádía Gotlib, de fato, inaugurou não estritamente uma biografia, mas propriamente uma biografia-crítica da vida/obra de Clarice Lispector. Trata-se de uma perspectiva crítico-interpretativa ampliada, imbricada e bastante complexa.

Não intento aqui, com esse reparo, desconsiderar o trabalho de Teresa Cristina, pelo contrário, tratando-se de dissertação de mestrado, avaliamos que os atributos e qualidades dessa pesquisa resultam em colheitas fartas para o nível acadêmico no qual se encontrava.

Outra comparação, esta mais remota, é recorrer ao “ensaio *photobiográfico*” de Olga Borelli (3), que não pode ser considerado biografia *stricto sensu*, pois são fragmentos e sensações, muitos deles preservando e cultivando os devaneios claricianos em citações longas da própria Clarice, até mesmo por Olga ter sido uma das amigas e responsáveis inclusive pela obra póstuma de Clarice, numa fase que poderíamos considerar mais ulterior. Cabe às editoras reeditar este livro, cujos exemplares escassos escondem-se nos sebos, muito procurados por estudiosos claricianos apaixonados.

Assim, o estudo biográfico de Teresa Cristina diferencia-se tanto do trabalho de Nádía Gotlib quanto do de Olga Borelli. Apesar de escritos em língua portuguesa, são propostas singulares, e as comparações, apesar de inevitáveis, são por vezes um pouco imprudentes, pois cada qual apresenta características, projetos e objetivos próprios, pouco confrontados com rigor. Em outras línguas e também apresentando características próprias, podemos citar o trabalho da canadense Claire Varin (4) e o de Diane Marting (5), o primeiro se aproximando mais do estudo de Gotlib e o segundo, mais de uma pesquisa biográfica que resulta em um satisfatório material de fortuna crítica compilado e pesquisado no Brasil, mas somente editado nos Estados Unidos/Inglaterra.

Tentando aqui refletir mais sobre o trabalho de Teresa Cristina, até por ser um estudo recente, procurei entendê-lo como uma biografia sem pretensões de ser a única, isso porque a biógrafa opta pelo artigo indefinido no subtítulo de sua dissertação, que nos mostra pretender registrar uma leitura da vida de Clarice dentre as inúmeras possíveis. Uma leitura é sempre única, singular, circunstancial, e a possível. Neste caso, isso demonstra não só humildade, mas sensibilidade para compreender que Clarice foi uma das escritoras mais grandiosas, con-

**JOEL ROSA DE ALMEIDA** é mestrando em Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH-USP.

*Eu Sou uma Pergunta: uma Biografia de Clarice Lispector*, de Teresa Cristina Montero Ferreira, Rio de Janeiro, Rocco, 1999.

3 *Clarice Lispector: Esboço Para um Possível Retrato*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

4 *Langues de Feu – Essai sur Clarice Lispector*, Quebec, Éditions Trois, 1990.

5 *Clarice Lispector: a Bio-Bibliography*, London, Greenwood Press, 1993.

tudentes e plenas que a literatura universal já teve, e uma biografia única não esgotaria as possibilidades de compreensão de uma vida de mosaicos e labirintos, compreensões e mistérios. Quando ao título escolhido por Teresa, traduz toda essa procura da alma de uma ficcionista que se explica pela dúvida, pela incerteza da questão que instiga e sempre perdura.

De fato, o primeiro, grande e verdadeiro achado de Teresa Cristina foi ter revelado o nome original de Clarice, em hebraico, HAIA, que significa “vida”, resultado de um trabalho de pesquisa da árvore genealógica da família LISPECTOR muito profícuo por sinal que, reproduzido pormenorizadamente no final do livro, demonstra “faro” de pesquisadora. Quem sabe agora seja possível compreender melhor o romance póstumo de Clarice Lispector intitulado *Um Sopro de Vida. Pulsações* (1978), anti-romance de efeitos de metalinguagem que referencializa textos da própria obra e imbrica três personagens-autores espetaculares: Autor, Ângela Pralini (também escritora e em crise) e personagem-autora Clarice Lispector. Ao se revelar autora e personagem de seu próprio texto, Clarice não estaria construindo e “arrematando” uma obra que adensa a alma a partir da palavra que se faz carne?

Outro aspecto que nos chamou a atenção logo no início da leitura do trabalho de Teresa Cristina foi o relato da resposta personalíssima da menina Clarice diante da professora que criticava seu desenho: “Nasceu assim, fica assim mesmo”. Isto repercute e pode indicar seu estilo artístico-literário que já se gestava e se expressava logo na infância. Algo que pode inclusive explicar a opção de Clarice Lispector por uma escritora que se inclina muito mais pelo acaso na Arte, pelo caráter inspirador, construindo jogos narrativos imprevisíveis e abertos, poéticas espalhadas, assombros e perturbações. E Teresa Cristina completa sua leitura dos fatos que pedem olhares atentos:

“Se a professora determinava como tema para redação um naufrágio, incêndio ou o dia da árvore, ela escrevia sem entusiasmo

e com dificuldade: já então só sabia seguir a inspiração. Assim, Clarice vivia sua infância: devorando livros, criando histórias que não tinham fim ou andando pulando, que era o seu modo de caminhar pelas ruas do Recife” (p. 43).

Particularmente sobre os depoimentos que a biógrafa obteve e que se encontram indiretos e implícitos em seu trabalho, Teresa Cristina, é certo que de modo muito sutil e um tanto quanto distanciado, aproveita todo esse significativo material para tentar reconstruir as relações de amizade e a própria vida da escritora, que é resgatada e recuperada no diálogo inclusive com seus contemporâneos ainda hoje muitos deles vivos, e aí entendemos que Clarice nos deixou muito cedo.

Se, por um lado, são relevantes, nesta recente biografia, não só as pesquisas sobre as origens judaicas de Clarice, mas também todo um painel histórico do Brasil e do mundo a partir das descrições e contextualizações políticas e culturais, por outro, com frequência, há uma sobreposição desse discurso histórico engendrado pela biógrafa (macroestrutural) a um tênue discurso pessoal (microestrutural), que seriam os poucos e raros momentos em que Teresa consegue desaguar a alma clariciana, podendo ocorrer no relato de cartas, histórias, casos e intimidades.

Alguns esclarecimentos sobre pontos obscuros da vida de Clarice Lispector são dados com maiores ou menores detalhes. Sua demissão no *JB*, “no *réveillon* de 1974”, é muito bem explicada certamente pela entrevista obtida por Alberto Dines, mais um dos inúmeros casos de antissemitismo no Brasil, quando vários judeus foram demitidos em massa nesse jornal carioca. Outros assuntos mencionados por Teresa Cristina são as doenças de familiares. Exemplares são os casos da mãe e do filho Pedro, entes queridos que, ao sofrerem, causaram o sofrimento da sensível Clarice. A mãe tinha “uma afecção neurológica paralisante, provavelmente oriunda de um parkinsonismo” e o filho, “esquizofrenia”. Sobre a enfermidade da

mãe, Clarice sofria não ter podido cumprir o papel de curá-la através do seu nascimento, como se fosse possível, uma das tantas cegueiras culturais existentes em diversos povos antigos, o judaísmo não escapou de algumas delas.

Sobre a vida amorosa da ficcionista, afora seu casamento com Maury Gurgel Valente, marido sempre apaixonado por Clarice Lispector, salientamos que a grande paixão platônica desta, porém não correspondida, foi mesmo Lúcio Cardoso, que era homossexual. Seria mesmo importante descrever com detalhes sua relação com Paulo Mendes Campos, que Teresa Cristina somente aponta? E que interesse há quando a biógrafa descreve Jânio Quadros num “rompante apaixonado” que chocara a ficcionista, quando, em 1962, recebera o Prêmio Carmen Dolores Barbosa pelo romance *A Maçã no Escuro* (1961), a não ser defender-se de uma figura das mais grotescas e repugnantes de nossa política, que sempre se resumiu na caricatura de um populismo vergonhoso?

Uma dada acidez da crítica jornalística considera precária a “citação de fontes” e aponta a falta de “notas de rodapé”, porém consideramos que Teresa Cristina demonstra um conhecimento bibliográfico considerável sobre obra de Clarice Lispector, basta verificar no final, bem como opta pelo estilo sintético que incorpora as citações em seu texto, mais uma vez preferindo a fluidez da leitura. Entretanto, acreditamos que o rigor acadêmico de Nádia Gotlib, sempre referencializando as citações, corrobora com estudiosos e pesquisadores da obra de Clarice Lispector, bem como interessados e aficionados que desejam recorrer a outras fontes.

Vale salientar que podem ser feitos alguns reparos para uma reedição do trabalho da biografia recente de Clarice, algumas frases soam como chavões desnecessários, termos folhetinescos ou cochilos retóricos, podemos citar alguns exemplos: “Mas nem sempre se alcança aquilo que se quer” (p. 17); “[...] como nos contos de fadas. Sim, o jogo de dados do destino é irracional e impiedoso” (p. 17); “O conto

foi destruído, mas a semente interior pelo universo da literatura tinha sido germinada” (p. 63); “Os seios pequenos [de Clarice Lispector] brotavam lentamente...” (p. 55). Nesta última citação, há uma nítida tensão/contradição entre o distanciamento dimensionado e produzido pela biógrafa (construído também através de todo um painel sociopolítico-cultural deste século em seu texto) e uma tentativa de descrição do desenvolvimento físico de Clarice, aproximação que se mostra falseada. Faltou ao trabalho de Teresa Cristina um pouco mais de envolvimento com o fértil material que possibilitaria interiorizar muito mais a alma clariciana, que se daria sobremaneira através do relato de histórias e correspondências da vida da ficcionista, algo a que a biógrafa optou por não recorrer mais visceralmente.

A biógrafa, também à construção do que denominamos discurso *macroestrutural e distanciado*, parece se preocupar demais com dados de documentação a ponto de citar datas repetidamente, registros longos, grande número de funcionários e órgãos públicos, compondo um texto que se organiza e se caracteriza pelo seu teor burocratizado. Esses dados sempre mencionados corroboram com a ênfase de efeitos de distanciamento, algo que Teresa Cristina parece desperceber um pouco, afastando-se cada vez mais do universo clariciano.

Por fim, Teresa Cristina deu grande e devida importância à fortuna crítica de *Perto do Coração Selvagem* (1943), estréia de Clarice como romancista. Para que houvesse um maior equilíbrio, poderia ser um pouco mais estudada a fortuna crítica de *A Paixão Segundo G. H.* (1964), obra-prima da ficcionista; *Laços de Família* (1960), livro de contos esteticamente mais bem realizado; e *A Hora da Estrela* (1977), romance bastante criticado até por conta do sucesso do filme de Suzana Amaral, entre outras obras não menos relevantes, o que preencheria mais uma das lacunas sobre os estudos claricianos. Mas outras biografias de nossa ficcionista maior certamente virão, por ora, os esforços já realizados são muito valiosos.